

Odebrecht se diz vítima de complô e acusa Bisol

Carlos Conde

Da Sucursal

São Paulo — O Grupo Odebrecht declara-se vítima de um complô e promete processar o senador José Paulo Bisol (PSB-RS), que divulgou um esquema de "poder paralelo", que seria liderado por esse grupo. O presidente do Grupo Odebrecht, Emílio Odebrecht, concedeu entrevista coletiva ontem, em São Paulo, na sede da CBPO, uma das empresas do conglomerado.

Ele disse que o senador Bisol tem "intenções e objetivos corporativistas", trabalha "de forma incompetente" e "conseguiu deformar a verdade dos fatos". O presidente do grupo manifestou-se ansioso para comparecer perante a CPI do Orçamento, a fim de "esclarecer tudo".

O complô contra a Odebrecht, segundo seu principal dirigente, é formado pelos "monopólios corporativistas e por uma esquerda atrasada". Entre os monopólios citou nominalmente a Petrobrás e a Telebrás, negando-se a mencionar o nome do partido e movimentos alinhados nessa "esquerda atrasada". Ele acusou: "Não tenho dúvida que nossa posição firme em temas como a privatização e questões ideológicas estimularam a armação desse com-

plô contra nós".

Acusando o senador Bisol de "ignorância e má-fé", Emílio Odebrecht negou firmemente que seu grupo tenha pago, em qualquer tempo, um tostão sequer a políticos. "Sempre ajudamos candidatos que nos pediam ajuda, colaborando com estudos que porventura os interessassem ou eventualmente cedendo um avião. Mas dinheiro nunca demos".

Admitiu, porém, que seu grupo porporcionou recursos à empresa Pau Brasil, do pianista João Carlos Martins, para que ela distribuisse a partidos e candidatos que tivessem como qualidade principal "a honestidade". Ele completou: "Autorizei mas não sei para onde foram os recursos".

Odebrecht afirmou que "em todas as eleições esse tipo de ajuda era comum, qualquer organização sempre ajudou os candidatos". Seu grupo, segundo ele, proporcionava presentes "a parlamentares e amigos". Na sua opinião, será muito útil para o País a aprovação da lei das licitações, porque torna "esse processo mais democrático". Infelizmente, disse, essa aprovação enfrenta uma situação de "chove não molha".

Indignação — O presidente do Grupo Odebrecht manifestou

"indignação com o envolvimento de homens de bem, que foram colocados pelo senador Bisol, de forma leviana e irresponsável, em uma posição difícil". Ele se referia a funcionários de alto escalão do grupo que foram citados na CPI como participantes de esquemas de aliciamento para favorecer a empresa.

"Sempre digo às pessoas que me procuram, para trabalhar no nosso grupo, que não estamos procurando cidadãos em busca de emprego, mas de trabalho". Disse que seu grupo possui colaboradores e parceiros. Estes são responsáveis "por uma ou mais obras, participam do negócio". Exemplificou: em uma obra que proporcione 140 milhões de lucro bruto, 40 (cerca de 36 por cento) são reservados a impostos. Do lucro líquido de cem milhões, 25 por cento são dedicados a acionistas e parceiros e 11 desviados para pagamento de encargos sociais.

No ano passado, segundo seu líder, a Odebrecht teve um faturamento de 1,9 bilhão de dólares e recolheu aos cofres públicos, de impostos, 240 milhões de dólares. Ele pediu que a imprensa reservasse à sua resposta o mesmo espaço proporcionado "às denúncias do senador Bisol".